



CÂMARA MUNICIPAL DE JABOTICATUBAS

Rua Dom Carlos de Vasconcelos, 225 – centro – Jaboticatubas/MG Cep 35.830-000

RESOLUÇÃO Nº 017/2025

**CONCEDE TÍTULO DE CIDADÃ
HONORÁRIA DO MUNICÍPIO DE
JABOTICATUBAS À SRA BELMIRA
MARIA DA SILVA**

A Câmara Municipal de Jaboticatubas, no uso de suas atribuições legais, faz saber que aprovou e a Mesa Diretora promulga a seguinte Resolução:

RESOLUÇÃO:

Art. 1º - Fica concedido o título de **Cidadã Honorária** do Município de Jaboticatubas à **Sra. Belmira Maria da Silva**.

Art. 2º - O título, representado por diploma especialmente confeccionado, será entregue ao agraciado em Reunião Especial e Solene da Câmara Municipal.

Art. 3º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

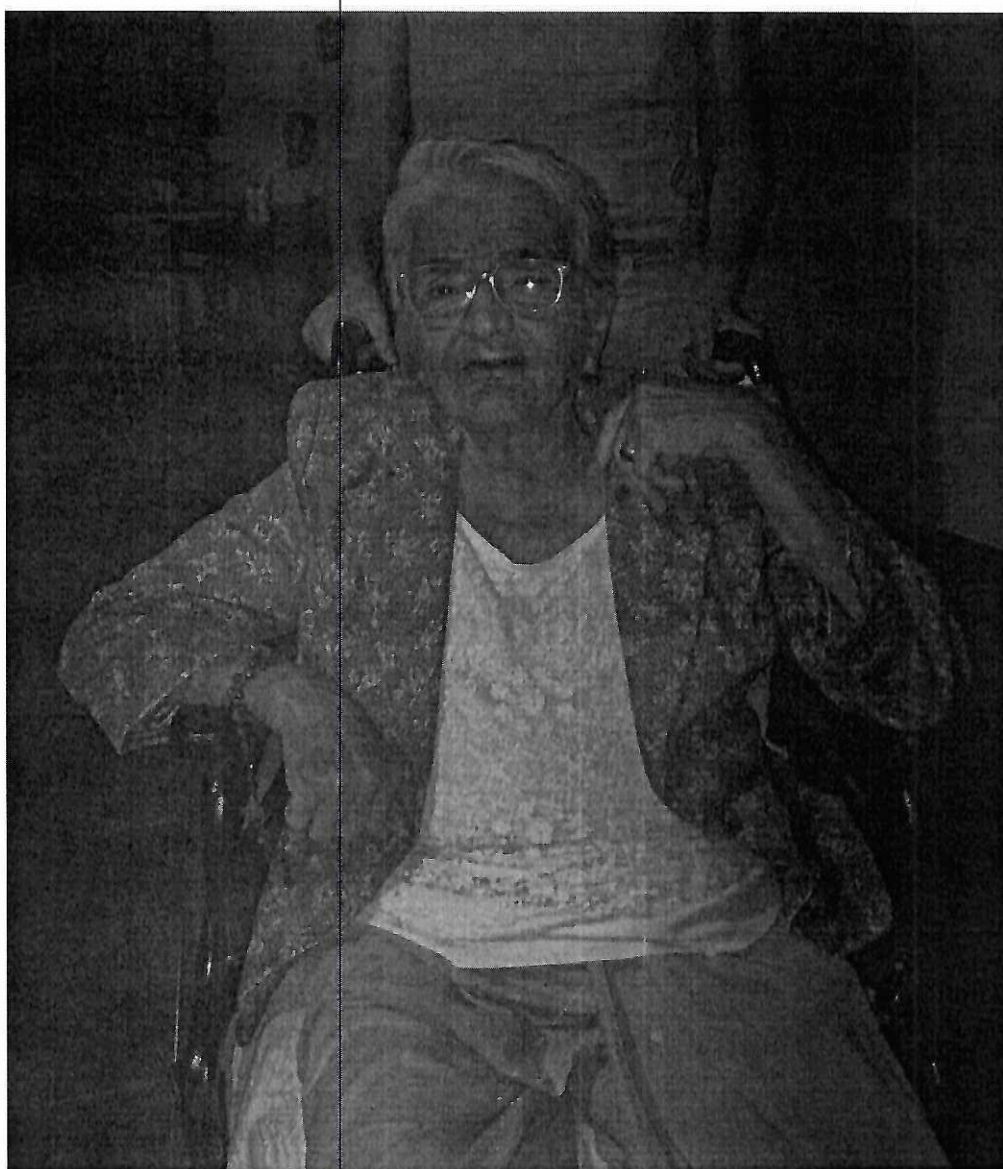
Câmara Municipal de Jaboticatubas, 16 de outubro de 2025.


Paulo Rodrigues dos Santos
Presidente da Câmara Municipal


Walisson Fernando Marques Avelar
1º Secretário

(Autoria do Vereador Walisson Fernando Marques Avelar)

Todos saiam daqui com a barriga cheia e ninguém precisava jantar mais. Era muito bom ver as crianças alegres e alimentadas.
Belmira



Biografia de Belmira Maria da Silva

A história de Belmira e do sopão

Belmira Maria da Silva é uma mulher inspiradora que dedicou sua vida a ajudar os outros em sua comunidade em Jaboticatubas. Hoje, com 90 anos de idade, ela é um exemplo de generosidade, dedicação e amor ao próximo. Filha de Altino e Maria Engrácia, nasceu em 12-06-1935 no distrito de Vargem Grande na cidade de Baldim. Teve apenas uma irmã biológica, Maria de Lourdes, e um irmão adotivo, Expedito. Aos dois anos de idade ficou órfã de mãe. A vida de Belmira após a morte da mãe foi marcada por mudanças constantes. Inicialmente foi morar com a avó materna e depois voltou a morar com o seu pai e sua nova esposa Madalena.

Na juventude, com dezoito anos de idade, foi morar no Retiro com os tios Zeca e Maria até se casar com Antônio Carim. A casa dos tios era situada no mesmo terreno da casa dos avós paternos Cicho e Mariquinha. A dificuldade de viver sem a mãe, mesmo não a tendo conhecido, sempre foi mencionada por Belmira como um marco em sua história. A vida não foi fácil e a família enfrentou muitos desafios, mas ela encontrou muitas maneiras de superar as dificuldades. Em todos os momentos em que Belmira relata suas experiências passadas antes do casamento ela aponta com muito carinho o período em que viveu junto com Maria de tio Zeca.

Ela se casou com Antônio Marques da Silva no ano de 1961 e juntos tiveram sete filhos: Melôndia, Maurivando, Heládio (in memoriam), Luzia, Nardélia, Márcia e Gláucia. Hoje o casal conta com 10 netos que são Adimilson, Haroldo, Mariana, Marco Aurélio, Marcelly, Luís Eduardo, Carolina, Luiz Gabriel, Júlia e Maria Clara; e 4 bisnetos que são João Lucas, Madalena, Mateus e Clara Liz. Conversando com um de seus genros, Belmira declarou que “criar os filhos não foi fácil não, mas dei conta de vencer a luta... bão ou ruim, chegamos aqui”. Dois episódios tristes e que influenciaram os últimos anos da vida de Belmira foram a morte do filho Heládio em 2017 e a morte de sua irmã Lourdinha em 2023. Além disso, a amputação de uma das pernas impactou sua rotina fortemente, pois ela sempre foi muito ativa e comprometida com os movimentos da comunidade.

Belmira junto com seu marido Antônio Carim sempre participaram de ações importantes para melhorar as condições de vida dos moradores do bairro onde moravam. Essas ações traziam benefícios para a vida de todas as pessoas que ali moravam, inclusive para eles mesmos. Havia por

parte de Belmira e Antônio um respeito profundo por todos os moradores e isso era estendido aos dois, ou seja, até hoje os dois são muito queridos e respeitados na comunidade.

Dona Belmira, independente de sopa ou não, é uma pessoa exemplar, um exemplo de vida para todo mundo, lembro muito das rezas que nós fazíamos, nós íamos nas casas. Ela é que puxava os cantos, tomava a frente de tudo. Tinha lanche, biscoito. Ela era uma alegria nossa na Lapa antigamente, gente finíssima, não só ela, mas como toda a família (Depoimento de uma participante, 2025).

Eu lembro que eu trabalhava fora nessa época, mas Belmira é uma pessoa maravilhosa, não precisa eu nem lembrar de sopa não, é uma pessoa religiosa, uma pessoa gente boa. Antônio Carim também é uma pessoa maravilhosa, eles merecem ser homenageados com certeza (Depoimento de uma participante, 2025).

Belmira e Antônio faziam parte na Associação São Vicente de Paula junto com Cirinha, Cassinho e Lilinda, dentre outras. Foram muitas as pessoas envolvidas. Não conseguimos lembrar de todas elas, mas a presença do vereador Léo Capitão foi essencial para a mobilização, a organização e as conquistas da comunidade. Com o apoio de Léo, os moradores ajudaram na construção e na manutenção da Capela do bairro. A partir das demandas da população, também foi construída a Escola Municipal Deolinda Dias Duarte para atender as crianças da Lapa, da Sagrada Família e aquelas que vinham das áreas rurais.

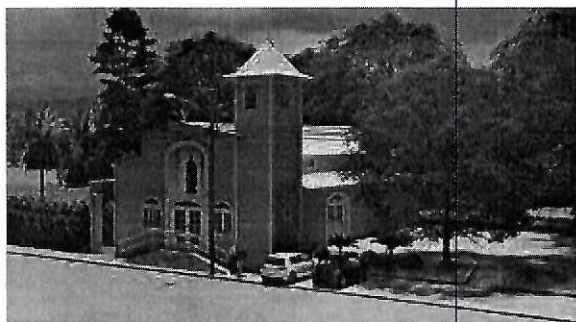


Imagem1: Capela São Vicente - Onde tudo começou



As reuniões da associação comunitária aconteciam na Capela de São Vicente, mas com o tempo o espaço ficou pequeno sendo necessário pensar na construção de um espaço próprio para a associação. Por meio de mutirões e mobilizações os moradores se organizaram e construíram a LAPENGE que é a associação de moradores da Lapa, sempre com o apoio e a participação do vereador Leo Capitão.

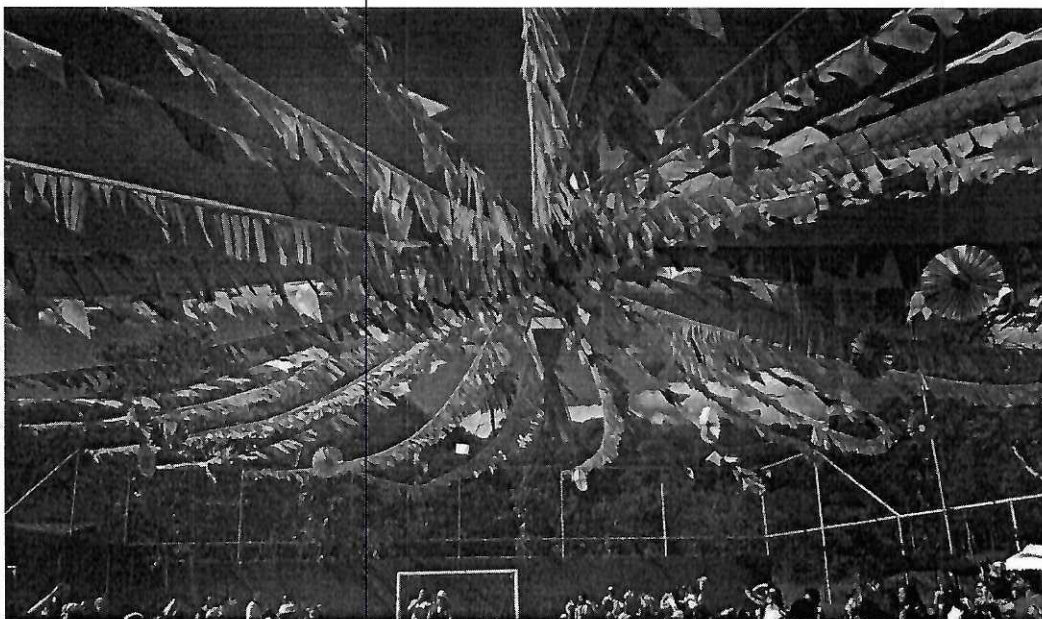


Imagem 2: Festa na Escola Municipal Deolinda Dias Duarte anuncia dias melhores.

Foi nesse processo de organização e participação popular que surge a proposta de oferecer o sopão para as crianças do bairro. A ideia de servir o sopão foi de Leo e Marietinha a partir de uma verba liberada pelo Banco do Brasil por meio da Prefeitura de Jaboticatubas. A percepção de todos era que as famílias estavam passando por dificuldades e as crianças sofrendo com a fome.

Falar da fome e mesmo do passado para uma pessoa de 90 anos não é tarefa simples e requer cuidados. A idade avançada com suas alternâncias e a vida contemporânea com seus excessos consumistas tem esmagado os nossos sentidos, nossas memórias priorizando apenas aquilo que interessa à produtividade capitalista. Apesar dessas alternâncias e na gestão da vida cotidiana adquirimos habilidades, conhecimentos e práticas imprescindíveis para vivermos a vida em sociedade, preservando e cuidando de nossas memórias que podem reconstruir o passado no presente.

Sendo assim, foi necessário conversar muitas vezes com Belmira para que as informações recolhidas fossem compreendidas e assimiladas, inclusive por nós que somos mais jovens e aparentemente estamos perdidos no tempo presente. Em conversa com seu genro, Belmira afirma que tudo começou assim:

Saiu o negócio na Prefeitura para várias regiões mais carentes do município doando as coisas, as vasilhas, os alimentos e eles inventaram de fazer. Léo e Marietinha perguntaram se eu dava conta de fazer o sopão. Eu falei que podia experimentar. Posso experimentar e se eu conseguir eu faço o tanto que eu der conta. Mas eu não tinha lugar direito para fazer, então fizemos no quartinho onde Antônio trabalhava. Depois que começou a meninada reuniu. Vinham muitas crianças aqui da Lapa (Belmira, 2025).

Ao ser perguntada pelo genro como era o dia do sopão, Belmira disse que

era uma farra, a meninada comia pelo terreiro à fora, cada um num lugar, mas todos felizes e de barriguinha cheia. Lembro que participavam os filhos de Dário, Rosária, Antônio Pereira, Tião, Sonin, Maria de Carlos, Alcina, Isabel, Leca e Alzira. Tinha mais gente. Não lembro mais o nome de todo mundo. As crianças comiam, repetiam e podiam levar para casa para as crianças que ficavam para trás (Belmira 2025).

Belmira falou ainda que também ficava muito feliz por estar matando a fome das crianças. Segundo ela, o sopão era servido uma vez por semana. No horário da tarde, entre 16 e 17 horas mais ou menos. Ao nos distanciar do presente para reviver o tempo passado encontramos vários rostos. Nesse encontro, nossa vida primitiva e ensaiada é novamente revisitada por nós e nesse ir e vir entre o presente e o passado nos deparamos com nossa unidade que foi narrada e tecida por outros. Nesse sentido, essa conversa fez com que ela voltasse no tempo passado e encontrasse o rosto de cada criança. A imagem de cada uma delas ajuda a tecer sua própria unidade e o ser que ainda é no presente aos 90 anos de idade. Sobre as crianças ela disse:

Todos saíam daqui com a barriga cheia e ninguém precisava jantar mais. Era muito bom ver as crianças alegres e alimentadas. (Belmira, 2025)

Segundo Belmira, todos gostavam da sopa. Os ingredientes eram fornecidos pela Prefeitura e se pedisse aos comerciantes da cidade eles também doavam. Para fazer a sopa contava com a ajuda das filhas no preparo e na arrumação antes, durante e depois de servir.

O sopão era feito no fogão à lenha que eu armei em cima do fóle da oficina de Antônio em uma panelona grandona de alumínio. Uma bitela mesmo. Colocava temperos, batata, repolho, cenoura, cebola, carne, cheiro verde, macarrão e misturava tudo (Belmira 2025).

O pessoal do Banco do Brasil doou na época um caldeirão e uma colher enorme que eram usados para fazer a sopa. Com o tempo, chegou um fogão industrial que ainda hoje está na LAPENGE. Quando conversamos com pessoas da Lapa todo mundo lembra, elogia a sopa e fala bem a respeito. Belmira afirma que mesmo com 90 anos se precisar fazer a sopa novamente ela faz, disse que ainda dá conta de fazer. Ao ser perguntada sobre como identificavam as crianças a serem atendidas, ela disse que

Não tinham dados sobre quem passava fome, mas as pessoas da comunidade sabiam quem mais precisava, principalmente as crianças. (Belmira, 2025)

Para fazer o sopão e atender as crianças, Belmira construiu um fogão a lenha para ajudar a economizar o gás de cozinha. Depois de servir o sopão, era hora de lavar as panelas pretas de carvão,

um trabalho árduo, mas que Belmira não se importava em fazer, pois era preciso matar a fome das crianças. A fome muitas vezes é invisível e silenciosa, mas faz muito barulho na barriga de quem sente. Lembrar da fome é dolorido, mas é uma forma de manter vivo na memória o gesto de generosidade de pessoas como Belmira e tantas outras que se dedicam a fazer o bem.

De acordo com Saramago (2015), nós habitamos um território, mas também somos habitados pela memória desse lugar. Essa memória pode ser de um tempo, de um espaço ou experiência vivida. A memória pode ser entendida como uma ilha entre dois mares que definimos, como o passado e outro como o futuro. Pela lembrança é possível voltar no mar do passado por meio das memórias que acumulamos no tempo e das memórias de um passado que se transforma perenemente e que é tão fugidia como a própria história que, no caso do combate a fome vem de longa data em nosso país.

O sopão de Belmira e as políticas de combate à fome no país

Certamente, as ações da Prefeitura de Jaboticatubas e do Banco do Brasil da cidade têm relação com as políticas voltadas para atender as crianças no Brasil. Desde a década de 1940, nosso país desenvolve programas de combate à fome visando a superar a desnutrição e a mortalidade infantil. Nas décadas de 1970 e 1980, dentre esses programas estavam o Programa de Alimentação Popular - PAP. A participação do Banco do Brasil no sopão em Jabó pode ter sido parte do PAP que vendeu alimentos a baixo custo e foi implementado pelo Ministério da Agricultura para ajudar a população de baixa renda. O estudo de Silva (1995) mostra que aproximadamente 248.000 pessoas receberam *Vitamina A* via oral na campanha de combate à *hipovitaminose A*, no ano de 1983, nos estados de Pernambuco, Paraíba e Minas Gerais. Esse número chegou a 742.000 pessoas em 1984. Já no ano seguinte, em 1986, um milhão de crianças receberam *Vitamina A* junto com a vacina da poliomielite.

Fez parte desse esforço nacional de combate à fome para superar a desnutrição e a mortalidade infantil, o Programa de Alimentação dos Irmãos dos Escolares (PAIE) de quatro a seis anos de idade. O PAIE visava a complementar o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que distribuía alimentos a crianças do Ensino Fundamental de sete a catorze anos, nas escolas públicas e nas organizações filantrópicas, durante os 200 dias do ano letivo. Em 1986, o PAIE

chamado Programa Irmãozinhos, foi estendido para os irmãos de escolares entre quatro e seis anos de idade. O alimento distribuído representa de 7% a 20% das necessidades energéticas das crianças, nos dias em que há distribuição. A meta do PAIE em 1986 era distribuir 15% da necessidade energética a sete milhões de irmãos dos escolares (Silva, 1995, p. 94).

Não sabemos com certeza se a ação em prol do sopão em Jaboticatubas fazia parte do PAP ou do PAIE. De qualquer forma, a fala de uma das participantes do sopão na casa de Belmira confirma que a prioridade era para as crianças menores.

Era uma sopa deliciosa. Eu levava os meninos pequenos e eu ficava com vontade de comer também, mas era mais velha. Depois que os menores comiam, eu comia... Tinha que dar os pequenos tudo primeiro para depois eu comer (Depoimento de uma participante, 2025).

Os alimentos do PAP e do PAIE, tais como arroz, feijão, açúcar, café, farinha de mandioca, óleo de soja, macarrão, ovos, fubá, farinha de trigo, sal e farinha de milho eram adquiridos dos produtores pela Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL) sem subsídios e vendidos diretamente a cooperativas. O PAP atingiu 6,2 milhões de pessoas em 1987 através de 3.700 varejistas em 23 cidades, mas declinou a partir de 1988, sendo interrompido em 1989. O número de lojistas associados aumentou de 885 em 1978-1979 para 6.903 em 1987. Entre 1978 e 1993 o Brasil investiu US\$ 8,2 bilhões em programas de alimentação e nutrição. O investimento cresceu lentamente até 1984, aumentou consideravelmente até 1990 e sofreu uma queda abrupta nos anos seguintes (Silva, 1995).

Uma das participantes do sopão na casa de Belmira que deu um depoimento confirma em parte esse raciocínio do autor de crescimento e declínio desses programas entre 1980 e 1990.

Lembro de Belmira fazendo sopão para crianças carentes por muitos anos. Ela alimentou as crianças dessa geração durante muitos anos. Comemos várias vezes o sopão de Belmira. Durante um bom tempo nós íamos para lá pegar a sopa. Todo dia seis horas da tarde ela servia o sopão (Depoimento de uma participante, 2025).

Eu e meus irmãos íamos à casa de Belmira comer o sopão. Jantavam e levavam para casa (Depoimento de um participante, 2025).

As várias mobilizações sociais no país que ocorreram em meados da década de 1980, conforme revela o estudo de Faria et al (2022), reivindicaram a adoção de políticas de combate à fome e à pobreza e fizeram surgir pela primeira vez a partir de 1985 referências ao conceito de Segurança Alimentar. Técnicos e pesquisadores ligados ao Ministério da Agricultura elaboraram a proposta de uma Política Nacional de Segurança Alimentar buscando: 1) atender as necessidades alimentares da população; e 2) atingir a autossuficiência nacional na produção de alimentos. Em

1986 foi realizada a I Conferência Nacional de Alimentação e Nutrição (I CNAN) e a alimentação passou a ser assumida como um direito humano, e não mais como um benefício apenas. Nesta mesma Conferência foi proposta a criação de um Sistema Nacional de Segurança Alimentar (Faria et al, 2022).

Essa realidade social de pobreza, fome e mortalidade infantil estava presente em todo país. A Ditadura Militar entre os anos de 1965 e 1985 agravou e piorou as condições de vida dos trabalhadores do campo e da cidade em todo o país. O chamado “milagre econômico” ocorreu às custas da “tragédia social” que atingiu grande parte da população brasileira. A situação se agravou durante esse período, mas a História do Brasil para as populações mais pobres, mesmo após a abolição da escravidão em 1888 e a Proclamação da República de 1889, é uma História de muita dificuldade social e econômica.

Paulo Freire afirma que na década de 1920, na cidade de Jaboatão de Guararapes em Pernambuco onde viveu sua infância, ele convivia mais intensamente com as crianças das classes periféricas em uma conjunção de classes sociais. Ele e seus irmãos funcionavam como uma ponte entre os meninos que comiam pouco, ou alguma coisa pelo menos, e os que nada comiam. Comer, ainda que pouco, em um nordeste em crise no final dos anos 1920, tinha muito significado diante da pobreza enfrentada pelos meninos e meninas periféricos, os quais praticamente não comiam nada. Paulo Freire, desde pequeno, viu de perto a pobreza enfrentada pelos meninos e as meninas da periferia. A casa de Belmira e Antônio também ficava num ponto de passagem entre as crianças que pouco tinham e aquelas que nada tinham, as crianças que podiam comer um pouco e aquelas que nada comiam.

Nesse sentido, a fome e a injustiça social precisam ser superadas. Mais uma vez o Brasil saiu do mapa da fome, conforme dados da FAO, que é a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. A realidade do Brasil melhorou em 2024 e 2025, mas no ano de 2023 cerca de 733 milhões de pessoas passaram fome no mundo e isso é equivalente a uma em cada 11 pessoas no planeta terra. Na África, uma em cada 5 pessoas passam fome.

Essa situação deve nos deixar indignados e atentos, pois já temos condições de produzir alimentos de qualidade para alimentar todos os seres humanos do mundo. Concordamos com o educador Paulo Freire quando ele diz que o amor às pessoas e ao mundo exige que a gente lute por uma sociedade onde as desigualdades sejam superadas, onde os direitos fundamentais sejam garantidos. A gente não deve apenas oferecer a caridade para aliviar momentaneamente a pobreza

e a fome. Precisamos sim de políticas públicas que garantam a todos os direitos sociais previstos em nossa Constituição Federal de 1988.

Apesar da tristeza da fome, a sopa aflora os sentidos e os afetos

Lembrar sobre o que vivemos naqueles anos desperta sentimentos e nos faz refletir sobre o drama da fome. Existimos quando vivemos experiências e narramos aquilo que vivemos. No movimento da nossa existência, a memória pode atravessar tempos e espaços. Isso faz com que pessoas de lugares distantes possam se lembrar de experiências semelhantes e revelar lembranças comuns. Aquilo que vivemos juntos e aquilo que ouvimos das pessoas com as quais convivemos desde nossa infância compõem nossas lembranças/memórias corporais, táteis, auditivas, visuais, palatais e olfativas. O que vivemos e ouvimos nos constitui e nos possibilita imaginar, pensar e rememorar.

Eu tenho uma marca no joelho de correr para poder buscar essa sopa na casa de Belmira e eu caí no cascalho perto da casa de Pico (Depoimento de uma participante, 2025).

Coitada de Dreza, Dreza caiu ali perto da casa de Pico. Tinha um cascaião naquela descida... não sei se chovia, se o cascalho descia pela estrada, só sei que tinha um tanto de cascalho que ficava no meio da estrada. Ela foi correndo para buscar a sopa para nós porque nós passávamos uma dificuldade aqui, mesmo trabalhando as coisas acabavam, o que a gente comprava não dava para as despesas. Andreza é que buscava a sopa. Belmira gostava demais de Dreza e separava a sopa para nós. Andreza sabe contar essa história dessa sopa (Depoimento de uma participante, 2025).

Andreza minha sobrinha tem até a marca no joelho. Um dia ela vinha correndo. Ela vinha correndo todo dia para comer e ela caiu ali em frente à casa de Pico, de Isabel de Pico. Ela caiu e rasgou o joelho todo. Os meninos todos vinham correndo e largava ela pra trás porque ela é menor (Depoimento de uma participante, 2025).

A memória olfativa, por exemplo, atualiza no espaço e no tempo experiências que navegam nos mares do passado e do futuro compondo as ilhas de nossa existência real, simbólica ou imaginária. Essa atualização não acontece como uma reprodução das vivências, mas como um processo de apropriação, ressignificação e reelaboração daquilo que foi vivenciado. As lembranças olfativas nos fazem voltar ao mar do passado e revisitar o cheiro comum de vivências reais e significativas.

Essa volta ao passado pode ser um exercício difícil porque percebemos as transformações e as dores das pessoas, mas também um desejo de reconstruir o passado e vislumbrar o presente. A verdade é que não fazemos ideia do que pode nos causar uma simples “cheiradinha” no passado. O caso do sopão de Belmira nos faz voltar ao passado com tudo de alegria e de tristeza que ele reúne. Um passado cotidiano como um o lugar do inesperado, de surpresas e até de muito susto, pois passamos a ver e a perceber o que não era visto e percebido: a invisibilidade da fome.

Lembro demais da sopa de Belmira. Nossa Senhora! Eu era mais velha e não podia comer da sopa e tinha que esperar os mais novos comerem para depois eu comer, mas era uma sopa deliciosa. Não sei se era fome ou o quê que era! Acho que Deus opera milagres. Era uma sopa tão gostosa, tão deliciosa e tão saborosa que todo mundo lembra até hoje (Depoimento de uma participante, 2025).

Sabemos que as experiências que nos entram pelo nariz geram em nós recordações muito mais nítidas e profundas. O passado no interior de nosso cérebro nunca se extingue. Através de narrativas minuciosas, somos capazes de recriar cenas, personagens e ambientes de épocas com base em uma memória na qual as recordações colocam no mesmo plano o passado e o presente.

Eu lembro demais da sopa de Belmira caramba, lembro demais uai, se não me engano essa sopa dela era no dia de quinta-feira, no dia que ela dava aquela sopa lá ninguém fazia janta naquela Lapa, a sopa dela começava a cheirar lá do Neginho, sério mesmo, é a melhor sopa de macarrão que eu já comi na vida, era a sopa de Belmira, cê tá doido... lembro demais dessa sopa, a gente buscava num vasilhão grande assim, no dia não precisava de fazer janta não sô, buscava lá numa vasilha assim de sorvete, aqueles baldim lotado de sopa, era um macarrão comprido assim óoh!!!, cheio de legumes e carne, não tinha nada melhor não... (Depoimento de um participante, 2025).

Belmira matou a fome de muita gente. A minha e de todo mundo que passava fome e que tinha muita dificuldade naquela época. De tanto vocês falarem me deu até vontade de comer uma sopa agora, sopinha de Belmira (Depoimento de um participante, 2025).

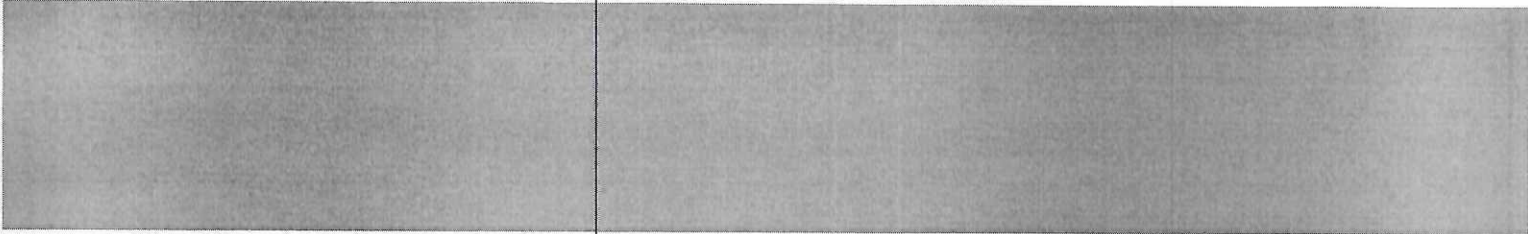
As memórias traduzidas em sensações de acontecimentos cotidianos como, por exemplo, o som de uma colher no prato e o cheiro de uma comida gostosa acionam lembranças, transformam pessoas e mobilizam o desejo. A memória olfativa de quem fez os depoimentos acima revela o quanto é significativa a experiência de ter acesso e direito ao alimento nutritivo e saboroso feito com cuidado e carinho. Quando a mesa é farta e o alimento é feito e servido com afeto a gente jamais esquece.

Palavras finais para concluir e continuar

O sopão de Dona Belmira teve um impacto profundo na comunidade. Muitas crianças que frequentavam o sopão cresceram e se tornaram pessoas instruídas e ocupam cargos importantes hoje em dia. Elas ainda lembram com carinho daquela época e da sopa deliciosa que Belmira preparava. Alguns (as) até tentam reproduzir a sopa em suas casas, mas admitem que não fica igual.

A lembrança de tudo que foi descrito aqui pode servir de referência para que todos percebam o quanto são relevantes a justiça social e a existência de políticas que atendam com dignidade as pessoas que mais necessitam, sobretudo as crianças. O poder público, os cidadãos e a sociedade organizada de Jaboticatubas devem se mobilizar para que na cidade não existam pessoas passando fome e que as condições de vida de todos possam melhorar cada vez mais. Sabemos que a saída do Brasil do mapa da fome novamente tem importantes efeitos em Minas Gerais e nas nossas cidades. Afinal, a vida acontece nos municípios.

Hoje, Belmira é cadeirante devido à amputação de uma de suas pernas. No entanto, isso não a impede de continuar ajudando os outros. Ela ainda mantém a boa vontade e a disposição de ajudar e está disposta a apoiar qualquer iniciativa que vise continuar o projeto do sopão. Belmira é um exemplo de que a idade e as limitações físicas não são obstáculos para continuar fazendo o bem. Sua história é um testemunho da importância da generosidade, dedicação e amor ao próximo. Ela é uma inspiração para todos que a conhecem e seu legado continuará a viver por meio das pessoas que ela ajudou ao longo dos anos.



Fontes de pesquisa

SILVA, A. C. De Vargas a Itamar: políticas e programas de alimentação e nutrição. São Paulo: Revista Estudos Avançados, vol. 9 (23), 1995, p. 86-107).

FARIA et al. A trajetória da política de segurança alimentar e nutricional no Brasil. Open Science Research III - ISBN 978-65-5360-102-4 - Editora Científica Digital - www.editoracientifica.org - Vol. 3 - Ano 2022, p. 747-759.